

**O REFLUIR DO OLHAR:**  
considerações sobre o ato da rememoração<sup>1</sup>

*Creudecy Costa da Silva\**

RESUMO

Propõe-se uma reflexão sobre o processo de lembrar. As experiências de vida de cada entrevistado desempenham um papel importante em sua visão de realidade e nas escolhas que eles realizam no momento de selecionar e manifestar suas lembranças. As vivências atuais são o ponto de partida e desenham o caminho para as lembranças. Esse traçado das recordações não segue uma linearidade, mas constitui-se de um vaivém, como acontece numa conversa marcada por idas e vindas.

Palavras-chave: Memória, Lembrança, rememoração, presente, passado.

## 1 INTRODUÇÃO

O refluir do olhar é, para os limites deste texto, o instante da rememoração, o momento do lembrar, do voltar os olhos para o passado. É quando experiências anteriores afloram à consciência, não como ocorreram, mas como estão sendo representadas, já que, por mais nítidas que possam parecer, há sempre lacunas nas lembranças: a memória do esquecimento.<sup>2</sup>

Este é um aspecto daquilo que trato na pesquisa,<sup>3</sup> ainda em andamento, iniciada na conclusão da graduação de História e que continua a ser desenvolvida no mestrado em Ciências Sociais. Portanto, as idéias aqui esboçadas são fruto de um processo ainda em construção.

Meu objetivo é refletir sobre o processo de rememoração. Tenho como ponto de partida para a discussão duas entrevistas<sup>4</sup> recolhidas a partir da técnica da história de vida<sup>5</sup> realizadas na busca de impressões sobre a cidade. O olhar é de moradores anônimos, memórias anônimas, na medida que as pessoas entrevistadas viveram, ou ainda vivem no anonimato da cidade.

Em sua trajetória de construção de conhecimento, o investigador da

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFMA.  
e\_mail: cleudecy.costa@clik21.com.br

realidade social precisa constantemente repensar suas práticas no que tange ao manuseio das fontes, pois para se chegar a objetivar a lógica implícita de um sistema social num contexto de proximidade com o informante (no caso o contexto da cidade), é necessário que o pesquisador saiba articular ao mesmo tempo o paradoxo de proximidade subjetiva e de recuo objetivo. Não se trata de um distanciamento físico, já que proximidade e distância são atributos espaciais, mas também modos de ver, maneiras de observar e perceber a realidade.

O distanciamento consiste em enxergar o que estamos observando, e que nos é familiar, com outros olhos; não aqueles já acostumados e informados pelo que se está vendo, mas um olhar mais aguçado que vê o que não é aparentemente visível.

Um relato da vida é, antes de tudo, a produção oral de um texto. Entre a memória e a elaboração de um texto oral intervém uma série de mediações que imprimem sua própria lógica no processo de construção das lembranças.

As experiências de vida de cada entrevistado desempenham um papel importante em sua visão de realidade e nas escolhas conscientes e inconscientes que realizam no momento de selecionar e manifestar suas lembranças. Muitos pesquisadores conhecem a importância do não dito, do não explicitamente formulado ou enunciado, e, no entanto, carregado de sentido.

Neste texto, as vivências atuais dos entrevistados são o ponto de partida e desenham o caminho para as lembranças. Esse traçado das recordações não segue uma linearidade, mas constitui-se de um vaivém, como acontece numa conversa marcada por idas e vindas.

O conceito de memória utilizado neste trabalho é aquele formulado por Halbwachs (1999, p.53), para quem o passado emerge a consciência sob a forma de imagens, de lembranças.

As memórias subterrâneas<sup>6</sup> também podem vir à superfície no momento em que encontram um ouvinte. Como acontece neste ensaio, as lembranças forjadas no íntimo das relações travadas nos lares, sobreviventes no ambiente familiar, emergem e tonificam as histórias contadas por nossos avós ou nos relatos que acompanham o simples ritual de folhear um álbum de fotografias antigas. Recordações das “pequenas” coisas que davam e dão sentido ao cotidiano.

## **2 OS DESEJOS COMO RECORDAÇÕES**

Sentados no sofá da sala, entrevistado e ouvinte estavam frente a frente. Nesse momento, o ato da rememoração pareceu-me mágico, as paredes da casa iam ficando atravessadas por imagens distantes, esmaecidas e indefinidas. A ilusão parece querer tomar vida, podiam-se ver sobrepostas, outras imagens:

imagens evocadas de outros tempos, de antigas casas, de velhos amigos, transeuntes de décadas passadas. Soltando um pouco mais a imaginação, talvez fosse possível sentir a brisa das águas do velho rio Bacanga e todo o curso de sua ribeira e, até mesmo, ouvir ruídos daquele cenário antigo da São Luís da década de 1950.

Lembranças como essas de Augusto Carvalho<sup>7</sup> transmitem emoções, vivências que, ao serem narradas, podem e devem se tornar experiências compartilhadas, para fugirem do esquecimento.

Percebi certa euforia em seu Augusto, ao contar-me detalhadamente o trajeto de sua vida. Afinal, era também uma forma de relembrar momentos alegres e tristes de experiências passadas. No transcurso da conversa ele sempre repetia: “a gente tem muita coisa para contar! Tem outra estória que eu queria contar; fica para depois – é de um amigo do Rio de Janeiro que veio conhecer a cidade. Agora já morreu! Agora, o que tem mais?”

A impressão, que tive naquele momento de seu Augusto, era a de um senhor já idoso<sup>8</sup>, aposentado que teve sua infância e adolescência marcada por uma vida ativa, tanto no que diz respeito às brincadeiras como nas atividades de trabalho. Agora, era hora de recordar momentos que havia vivenciado e outros que conhecia a partir de histórias contadas por companheiros de outros tempos. No momento em que a entrevista<sup>9</sup> era realizada, ele encontrava um interlocutor, alguém com quem podia retomar um antigo costume: o de transmitir experiências a partir da narração.

Para Benjamin (1994, p.198), esse é um experimento que está em “vias de extinção”, pois a cada dia é mais difícil observar esse tipo de prática social. O autor aponta ainda que o narrador é aquele que “conta sua experiência – sua própria ou aquela contada por outros. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem a sua história”.

Para o idoso, agora aposentado, fora do mercado de trabalho e com tempo disponível para relatar suas vivências e transmitir experiências, uma outra questão surge: com quem conversar? Os velhos amigos, muitos haviam desaparecido! Os que o envolvem nem sempre têm ouvidos para histórias de antigos “costumes e usanças”.

A entrevista surge, então, como um momento de exercício da narrativa. Entre perguntas e respostas, o desejo de comunicar acontecimentos tidos como importantes. É o momento de apresentá-los, torná-los disponíveis. Por outro lado, há o interesse do investigador – a ouvinte, que busca informações sobre o cotidiano daquela pessoa.

A nossa conversa, ou melhor, a entrevista constituiu-se em um momento no qual certas lembranças são ordenadas com o intuito de conferir, com a ajuda da imaginação ou da saudade, um sentido à experiência de vida do sujeito.

Ao traduzir experiências vividas, relacionadas à situação atual, a entrevista conformava-se em uma comunicação articulada por associações entre o ontem e o hoje. Nesse sentido, é elucidativo o depoimento de dona Fátima Araújo<sup>10</sup>:

A gente tinha aquela vida certinha. Outro dia, eu estava contando para minha neta – tem treze anos –, porque ela estava braba, porque a mãe não deixa ela ir em lugar nenhum, que não sei o quê. Daí, eu comecei: “Você sabe que eu era noiva, já estava com mais de vinte anos, e para ir ao cinema, minha mãe me acompanhava! Ela, não acredito, vó! Que barbaridade!”; digo, era muito diferente a vida naquela época!”. A concepção de família era bem diferente.

A narração do relato de sua experiência como filha, feita pela avó, permite avaliar como se dá a ressignificação que os sujeitos fazem das transformações ocorridas durante o curso de suas vidas, e demonstra que a rememoração não é exclusiva da situação artificial da entrevista, mas sim, uma atitude cotidiana. Reconhece-se também que a rememoração está diretamente relacionada à situação atual dos sujeitos.

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor (BOSI, 1994, p. 55).

As lembranças, portanto, são leituras que os sujeitos fazem do passado com ferramentas emprestadas do presente. Elas não vivem no passado, ao contrário, precisam de um tempo presente de onde são projetadas e ancoradas em um sentido. Também não se apresentam isoladas, são de ordem relacional e envolvem outros indivíduos: nas lembranças, nunca estamos sós.<sup>11</sup>

Assim, é preciso reconhecer que as memórias individuais são construídas a partir de vivências que os sujeitos experimentam no curso de suas vidas, no interior de grupos sociais.

Para Halbwachs (1993, p. 71), a memória individual será sempre “um ponto de vista sobre a memória coletiva”. A manifestação das memórias individuais decorre de sua inserção em campos de significados de domínio

coletivo. Barros (1989, p. 30) destaca que:

No ato de lembrar nos servimos de campos de significados – os quadros sociais – que nos servem de pontos de referência. As noções de tempo e de espaço, estruturantes dos quadros sociais da memória, são fundamentais para a rememoração do passado na medida em que as localizações espacial e temporal das lembranças são a essência da memória.

A memória, individual ou coletiva, é necessária à atualização da percepção da realidade, e é o que torna possível a compreensão das transformações operadas na sociedade. Um relato fundado na memória é uma forma de superar esquecimentos, de reelaborar significados e (re) estabelecer relações com o passado. Comunicar as experiências do passado permite apreender a dinâmica da própria sociedade, ou seja, oferece a possibilidade de se compreender como o que está estabelecido é percebido, vivenciado e construído por aqueles que dão sentido à própria existência do estabelecido. Portanto, não se pode nunca abarcar o real como ele é; podemos, isso sim, construir – entrevistados e investigador – uma interpretação daquilo que nos é dado como real.

Ao longo de nossas vidas, construímos os nossos espaços, porque, além da materialidade que lhes é atribuída, eles são também aquilo que queremos, ou não, que eles signifiquem. Embora se diga “o meu espaço”, não quer significar que ele seja uma criação individual. Os espaços que vão sendo construídos ao redor de nossas vidas, são produzidos a partir das relações que estabelecemos com outras pessoas, as de nossa convivência mais estreita ou aquelas distantes de nós. Apreendemos o espaço a partir de nossa posição no interior de grupos sociais, e são esses grupos que oferecem os parâmetros que nos permitem localizar e descrever os espaços e os tempos.

Os antigos quarteirões, fechados por altas e novas construções, parecem perpetuar o espetáculo da vida de outrora. Mas esta é somente uma imagem da velhice, e não é certo que seus antigos habitantes, se reaparecessem, os reconhecessem. Se, entre as casas, as ruas, e os grupos de seus habitantes, não houvesse apenas uma relação inteiramente acidental, e de efêmera, (sic) os homens poderiam destruir suas casas, seu quarteirão, sua cidade, reconstruir sobre o mesmo lugar uma outra, segundo um plano diferente; mas se as pedras se deixam transportar, não é tão fácil modificar as relações que são estabelecidas entre as pedras e os homens. (HALBWACHS, 1993, p. 136)

A citação acima trata de uma estreita relação entre a materialidade do espaço e os espaços contidos nas memórias das pessoas, conduzindo à discussão da estratégia utilizada nesta investigação, que é caracterizada por uma rememoração de momentos e de acontecimentos vividos manifestados em depoimentos.<sup>12</sup>

A rememoração do vivido não traduz a existência de um dado imediato à percepção (o efetivamente realizado), trata-se de um ato cognitivo que um dado indivíduo, situado em uma posição distanciada, produz sobre as situações vividas anteriormente. Quer dizer, instaura-se uma atribuição de sentido, uma análise daquilo que constituiu uma experiência. Portanto, o passado dado a conhecer nos depoimentos conforma-se ao que, comumente, se designa como memória.

Uma memória que “como propriedade de conservar certas informações remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1993, p. 423). O processo de seleção, ressignificação, ordenamento e comunicação, ou melhor, de construção de “impressões ou informações passadas” delimita a noção de memória aqui utilizada.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalmente, deve-se salientar a relação das lembranças com as representações do presente em nossa consciência atual, pois a percepção do passado altera-se porque também nossa percepção sofre alterações no curso de nossas vidas. “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1994, p. 55). E, neste caso, não qualquer experiência, mas aquelas que podiam ser reconhecidas como manifestadoras de um nexos entre vivências e o espaço urbano, a cidade! Uma cidade que é refeita desde o seu aqui e agora.

#### THE REFLOW OF A LOOK

considerations about the act of recalling

#### ABSTRACT

We offer a reflexion about the process to remember. The experience of life of every person play an important role in their point of view and their choice what they make in the

moment to select and to present your memories. The actual experiences are the beggin and draw a street tothe memories. This street of memories do not follow a linearity , but compose of minds what go and come like an informal conversation.

---

Keywords: memory, to remember, present, past

## Notas

1. Termo utilizado no sentido dado pelo dicionário SILVEIRA BUENO, 1996, p.556 (tornar a lembrar; relembrar; recordar).
2. A respeito das memórias do esquecimento ver BOSI, 1994.
3. Nesse trabalho busca-se construir as cidades da memória de um grupo de moradores de São Luís - MA, através das lembranças.
4. Augusto Carvalho, jornalista aposentado e nascido no ano de 1922 e Maria de Fátima Araújo professora aposentada, nascida em 1941.
5. Caracterizada pelo relato do narrador falando livremente das suas vivências no decorrer da sua vida.
6. A respeito das memórias subterrâneas ver POLLAK, 1989.
7. Augusto da Silva Carvalho, entrevistado em janeiro de 1999 na cidade de São Luís-MA.
8. Termo utilizado para designar pessoas acima de 65 anos de idade.
9. Utilizado para designar o momento em que entrevistado e investigador eram postos frente a frente.
10. Maria de Fátima Araújo, entrevistada em janeiro de 1999 na cidade de São Luís – MA.
11. HALBWACHS reconhece os seguintes tipos de memória: coletiva, individual, histórica. A primeira, que se poderia chamar de memória social, é aquela relacionada a uma história vivida, na qual o passado permanece vivo na consciência de um grupo social. Esta noção é contraposta á história, que seria uma forma de conhecimento do passado, exterior ao domínio do vivido. Ver HALBWACHS(1993, p. 53-89).
12. Refere-se ao resultado de uma relação comunicativa – entrevista.

## Referências

BARROS, Myriam Moraes Lins de. Memória e família. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, p. 29-42, [19—].

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In:\_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre a literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.p.197-221. (Obras escolhidas, v.1).  
BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.  
HALBWACHS, Maurice. **A Memória coletiva**. São Paulo: Ed. Vértice, 1993.  
LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 2. ed. São Paulo: Unicamp, 1992.  
POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: Ed. Vértice, n.3, p.3-15, 1989.